

COP28 começa com fundo histórico

Discutido há cinco anos, mecanismo de perdas e danos foi aprovado e deve fornecer US\$ 400 bilhões anuais, a partir de 2030, para ações compensatórias em países vulneráveis a desastres climáticos. As primeiras contribuições foram anunciadas ontem

» PALOMA OLIVETO

No ano mais quente já registrado desde a Revolução Industrial, no século 19, a 28ª Conferência de Mudanças Climáticas das Nações Unidas (COP28) começou ontem com a missão de colocar o mundo nos trilhos, a caminho do cumprimento do Acordo de Paris. No primeiro dia do evento, que reúne 70 mil participantes de 198 países, uma decisão histórica criou o fundo de perdas e danos, que vinha sendo costurado havia cinco anos. Agora, em Dubai, nos Emirados Árabes, os delegados aprovaram a medida, que visa compensar nações vulneráveis pelos estragos causados pelas emissões de gases de efeito estufa. Segundo as projeções, o fundo, que deve ser administrado pelo Banco Mundial, fornecerá US\$ 400 bilhões anuais a partir de 2030 — esse é o valor estimado por estudos recentes das perdas provocadas, todos os anos, por catástrofes climáticas.

Até se chegar a essa cifra, os países desenvolvidos já devem começar as contribuições. Ontem, cerca de US\$ 400 milhões foram anunciados: o anfitrião da COP28 se comprometeu com US\$ 100 milhões, a União Europeia com US\$ 245 milhões (sendo US\$ 100 milhões somente da Alemanha), o Reino Unido destinou US\$ 50,5 milhões, e os Estados Unidos, maior economia do mundo e principal emissor global, com US\$ 17,5 milhões, uma cifra considerada ínfima por delegações de países em desenvolvimento. O Japão doará US\$ 10 milhões. Por meio do porta-voz Stéphane Dujarric, o secretário-geral da ONU, António Guterres, elogiou o anúncio. “A medida coloca em funcionamento uma ferramenta essencial para levar justiça climática às pessoas mais vulneráveis”, afirmou.

AFP



Sultão Al Jaber, presidente da COP28, em Dubai: aprovação do fundo compensatório foi um sinal positivo para o mundo, disse

“Longo caminho”

Na coletiva de imprensa de abertura da COP28, transmitida on-line, o presidente da conferência, sultão Al Jaber, afirmou que a medida “manda um sinal positivo ao mundo”. O secretário-executivo de Mudanças Climáticas das Nações Unidas, Simon Stiell, classificou de histórica a mobilização que “já arrecadou quase meio bilhão de dólares”

pouco tempo depois de ser anunciada. Questionado sobre os critérios dos doadores para determinar suas contribuições, ele afirmou que hoje e amanhã mais países apresentarão suas promessas e poderão detalhá-las. Porém, reconheceu que há “longo caminho” a ser percorrido nas negociações do fundo. Uma das questões que estão em aberto é quem vai se beneficiar do dinheiro, que virá, principalmente, em

forma de empréstimos mais baratos. O documento aprovado ontem determina que todos os países vulneráveis aos efeitos das mudanças climáticas são elegíveis, mas não há definição de vulnerabilidade, um ponto que deverá despertar discussões acaloradas. Apesar de reconhecer que se trata de um “acordo histórico arduamente conquistado”, o enviado especial de Barbados, Mia Mottley, disse a jornalistas que

» Pedido do papa

O papa Francisco pediu aos participantes da COP28 em Dubai que pensem no “bem comum” mais do que “nos interesses contingentes de algum país ou empresa”, segundo uma mensagem publicada na rede social X (ex-Twitter). O pontífice de 86 anos, que sofre de bronquite, foi forçado a cancelar sua viagem à reunião de cúpula anual do clima, e a Santa Sé será representada pelo número dois do Vaticano, o cardeal Pietro Parolin. O papa argentino fez da defesa do meio ambiente um dos pilares de seu pontificado e deveria ser o primeiro chefe da Igreja Católica a participar nesta cúpula da ONU desde sua criação, em 1995.

não se deve esperar que os US\$ 400 bilhões anunciados sejam recursos novos. “Como o fundo só foi aprovado hoje (ontem), não podemos esperar que (os países desenvolvidos) abram novos orçamentos. Esse dinheiro inicial virá de orçamentos já existentes.” As contribuições não são obrigatórias, e países como Estados Unidos defendem que emergentes como China e Arábia Saudita também façam doações.

A COP28 termina em 12 de dezembro. De hoje a domingo, acontece a primeira parte das reuniões de alto nível, quando líderes mundiais discursarão — o presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva deve ser o sétimo a discursar, de acordo com uma lista distribuída à imprensa. As decisões começam a ser tomadas na segunda-feira, quando governantes saem de cena para seus negociadores ocupá-la.

AFP



Evento paralelo, em Dubai, pede o fim dos combustíveis fósseis

MALÁRIA

Clima prejudica enfrentamento

Apesar dos progressos realizados na expansão do acesso a redes tratadas com inseticida e a medicamentos para prevenção da malária, mais pessoas contraíram a doença, de acordo com um novo relatório publicado pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Em 2022, estimaram-se 249 milhões de casos em todo o mundo, excedendo o nível pré-pandêmico de 233 milhões em 2019. O Relatório Mundial sobre a Malária de 2023 investiga a ligação entre as alterações climáticas e a doença. Mudanças na temperatura, umidade e precipitação podem influenciar o comportamento e a sobrevivência do mosquito *Anopheles*, transmissor da enfermidade. Eventos extremos, como ondas de calor e inundações, também podem impactar

diretamente: as inundações catastróficas no Paquistão em 2022 levaram a um aumento de cinco vezes nos casos. “A mudança climática representa um risco substancial para o progresso no combate à malária, especialmente em regiões vulneráveis”, afirmou Tedros Adhanom Ghebreyesus, diretor-geral da OMS. “Respostas sustentáveis e resilientes à malária são necessárias agora mais do que nunca, juntamente com ações urgentes para abrandar o ritmo do aquecimento global e reduzir os seus efeitos.” Prevê-se que a variabilidade climática também tenha efeitos indiretos nas tendências da malária. As mudanças no clima podem provocar redução do acesso a serviços essenciais contra a malária e de perturbações

na cadeia de abastecimento de redes tratadas com inseticida, medicamentos e vacinas. O deslocamento da população devido a fatores induzidos por extremos, como secas e inundações, também pode levar ao aumento da enfermidade, à medida que indivíduos sem imunidade migram para áreas endêmicas. A pandemia perturbou significativamente os serviços de combate à malária, levando a um aumento nas taxas de incidência e de mortalidade, exacerbando a estagnação do progresso contra a doença, diz a OMS. “Para avançar rumo a um futuro livre de malária, precisamos de um esforço concentrado para enfrentar as diversas ameaças, que promova a inovação e a mobilização de recursos”, destacou Ghebreyesus.

U.S. Army photo/Divulgação



Criança faz teste da doença no Quênia: acesso a serviços foi prejudicado por covid